

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
 Data 1/1
 Cod. TCDDΦ193

CENTRO MAGÛTA: ESCLARECIMENTOS

* O Centro MagÛta **não** esta fechando as suas portas ou encerrando suas muitas linhas de atividade. Também não admite a hipótese de desfazer-se de sua sede. Jamais existiu também qualquer intenção da parte de sua Diretoria de vir a fechar ou desestruturar o Museu e a Biblioteca. Isso não significa, contudo, que o Centro MagÛta não esteja **atravessando** graves dificuldades financeiras e que não precise mudar o seu perfil institucional de modo a **ajustar-se** as atuais necessidades dos índios e aos critérios e prioridades das agências financiadoras.

* Cabe aqui alguns **esclarecimentos** a respeito das notícias vinculadas pela Internet. Indiscutivelmente e não é o foro adequado para resolver problemas de uma entidade que tem estatuto, e está estruturada na participação dos índios (que por sinal não têm endereço eletrônico nem computador), através de um Conselho Indígena, que indica as diretrizes a serem seguidas.

* Pressionado por fatos que não podem ser aqui aprofundados - relativos a luta pela demarcação de suas terras e por uma assistência diferenciada no campo da educação e saúde - o MagÛta foi progressivamente expandindo o número de pessoas a quem remunerava direta e regularmente.

* Em uma reunião do Conselho Indígena ocorrida no final de 1993, logo após a conclusão da demarcação física de seis das principais áreas Ticuna, foi apresentado um balanço e discutida extensamente entre as lideranças essa situação. Até mesmo sem incluir os gastos com qualquer projeto específico ou atuação nas aldeias, a simples **manutenção** do Centro com a folha de pagamentos e taxas (luz, telefone etc.) totalizava cerca de 70 mil dólares por ano! Com o término de projetos de apoio institucional (Oxfam em 1992 e ICCO em 1994) tornar-se-ia inteiramente impossível embutir os custos de manutenção dessa infraestrutura em projetos específicos.

* Nos dois últimos anos as atividades do escritório passaram a ser executadas exclusivamente pelo secretário Nino Fernandes, único encarregado em manter a articulação entre as aldeias via rádio, bem como em atender e assessorar as comissões de índios que se deslocam constantemente até Benjamin Constant, seja para obter uma orientação e ajuda em suas reivindicações (invasões de terras, conflitos com madeireiros e pescadores, demandas sobre saúde, educação e desenvolvimento) ou ainda no seu relacionamento com organismos de governo (Funai, Prefeituras, etc) ou particulares. Por sua vez o Museu estabeleceu uma taxa de ingresso, bem como passou a vender cartões postais e artesanato, o que lhe possibilitava algumas despesas (conservação e reforma do prédio), mas nunca o pagamento de seus funcionários.

* A resolução dos problemas associados a essa dificuldade de financiamento implicava na demissão de mais de uma dezena de funcionários, a maioria desses índios. Embora pelo lado político a decisão do Conselho Indígena já estivesse tomada e fosse do conhecimento de todos, faltavam os meios materiais para enfrentar os encargos financeiros dessa decisão. Com não dispunha de recursos para indenizar e demitir os seus funcionários, a crise se agravava sem qualquer perspectiva de solução. A partir de junho/95 não houve mais como pagar os seus funcionários e assessores. Em outubro Nino Fernandes isentou a todos de qualquer

tarefã, liberando-os para estabelecer novos vínculos empregatícios, ao mesmo tempo em que reconhecia a existência de uma dívida anterior que seria paga quando a entidade pudesse.

* Ao invés de colaborar com a Diretoria no sentido de encontrar uma solução institucional e coletiva para os problemas que ameaçavam a sobrevivência do Magûta (inclusive o seu patrimônio e os salários de seus colaboradores), a assessora de educação passou a encaminhar isoladamente projetos relativos apenas a formação de professores. Nesses, não estava prevista qualquer taxa de administração (que pudesse auxiliar no pagamento das despesas comuns como p. ex. consertos, telefone, luz, água etc.), nem sequer estavam incluídos os custos de pagamento dos integrantes de sua equipe (funcionários e assessores). Mais grave é que em duas ocasiões específicas durante o ano de 94, projetos institucionais do Magûta, que haviam sido discutidos coletivamente, elaborados e encaminhados pela Diretoria para duas agências com as quais a entidade já estabelecerã contatos anteriores - FIDA e VIDC - foram atropelados por projetos unilaterais remetidos pela assessoria de educação. Além disso, um projeto da área de educação, e totalmente gerenciado por aquela assessoria teve suas contas reprovadas pelo ICU.

* A situação criada era constrangedora e abalava a credibilidade do Magûta junto as agências, tornando ainda mais difícil a superação da crise financeira: No plano da convivência cotidiana e local entre as equipes isso chegou a extremos: relata o secretário Nino Fernandes que o escritório (que é uma modesta e mais antiga construção de madeira) esta com o piso da cozinha e do alojamento de índios ameaçado de afundamento, enquanto prosseguem os serviços de jardinagem exclusivamente na parte do terreno onde esta localizado o Museu; um bem de uso comum - como o telefone - foi cortado por falta de pagamento e a luz dos dois prédios, com entradas separadas, foi paga apenas a conta do prédio do Museu.

* Em setembro/95 a ICCO, considerando os apelos e os argumentos da Diretoria, admitiu receber ainda um último projeto do Magûta, onde estariam implicados todos os custos relativos a demissão dos funcionários. Após 7 meses de negociação com aquela financiadora, o tesoureiro do Magûta, Paulo Roberto de Abreu Bruno, viajou ao Alto Solimões para proceder a esses pagamentos, tendo participado da Assembléia-Geral do CGTT/Conselho Geral da Tribo Ticuna, onde mais uma vez expôs o assunto e esclareceu as providências a serem tomadas.

* A versão sobre o "fechamento" do Museu como um ato "arbitrário" realizado por um "funcionário não indígena" - criada ou divulgada pela assessoria de educação - não tem portanto qualquer fundamento de verdade. O Magûta não esta encerrando suas atividades - apenas passa a depender de que os projetos específicos arquem com os custos de manutenção das equipes que os aplicam. O que nem mesmo constitui qualquer problema para a equipe do Museu pois, além de dispor de uma caixa própria para pequenas despesas, acabou de ter aprovado um novo financiamento. Disso temos apenas notícia, porque a Diretoria não foi comunicada de tal fato oficialmente.

* Para concluir uma última observação para os que estão distantes do Alto Solimões, e situados no circuito das ONGs e das agências, pouco sabem sobre o Centro Magûta, mas gostariam de solidarizar-se e contribuir para a luta do povo Ticuna. Atualmente a relação mais constante e regular dos Ticuna com o Centro Magûta

é através do projeto de rádio, bem como das visitas e consultas que praticam junto ao secretário Nino Fernandes. O Museu, como a Biblioteca são, sem sombra de dúvidas atividades meritórias e importantes, previstas desde os primeiros projetos institucionais do Magüta. Mas é importante notar que o público alvo do Museu são os visitantes estrangeiros e que a Biblioteca é uma iniciativa de interesse municipal, pois atende a demanda dos estudantes brancos de Benjamin Constant.

* Hoje, depois de muita luta pelos seus direitos à terra, no qual o Magüta teve um papel fundamental, quando em um feito inédito, conseguiu junto ao governo da Áustria os recursos necessários para realizar a demarcação física de 6 das mais importantes áreas dos Ticuna, as demandas prioritárias dos índios são projetos de saúde e de desenvolvimento sustentado, que precisam ser realizados nas aldeias e com ampla participação comunitária. Sem projetos econômicos o território Ticuna - afinal demarcado depois de muita luta - vai ser devastado por atividades empresariais que buscam o lucro fácil e tentam obter alguma cumplicidade de algumas lideranças indígenas. A saúde Ticuna não pode ser pensada apenas como a contratação e reciclagem de agentes indígenas, mas precisa incluir saneamento básico a ser executado nas próprias aldeias e rediscutir o espaço ocupado por esses agentes na vida comunitária. Esses, durante o surto de cólera que atingiu toda a região do Alto Solimões, tiveram um papel importantíssimo, conseguindo a partir de cursos e treinamentos de combate ao cólera realizados pelo Magüta com a ajuda dos Médicos sem Fronteira, evitar que a população Ticuna sofresse um importante revés.

* Para suprir essas demandas dos próprios índios, se o escritório do Centro Magüta não é um belo e sugestivo cartão postal, constitui-se em um verdadeiro símbolo político para os Ticuna que deve ser preservado.]

João Pacheco de Oliveira Filho

Antropólogo, sócio-fundador e Presidente do Centro Magüta (1986-1992) e
atual Vice-Presidente (1992-)]